

A pesquisadora do Laboratório de Direitos Humanos (LADIH/UFRJ), Heloisa Melino, concedeu entrevista ao Jornal da Adufrj para comentar os casos de machismo e sexismo vividos na universidade. Ela integra o grupo Universidades Feministas e o Coletivo de Mulheres da UFRJ. Confira:

Têm se tornado mais comuns os casos de machismo nas universidades, ou o que está acontecendo é uma maior visibilidade dos casos?

Certamente é uma maior visibilidade dos casos. O machismo está presente nas estruturas da sociedade e é isso que faz com que suas manifestações menos evidentes passem despercebidas. As universidades, infelizmente, não estão livres disso. É muito comum, principalmente, o discurso de “isso é só uma piada”, que leva à reprodução sistemática de uma forma muito sutil de violência, a simbólica. Discursos que depreciam mulheres, pessoas negras, pessoas transgêneras e/ou que não heterossexuais servem para solidificar as estruturas de opressão. É muito comum que as professoras no colegiado ou em reuniões de departamento sejam alvo de ofensas machistas, que professores gritem com elas, que debochem delas ou falem mais alto que elas durante as falas delas – isso é uma forma de tirar a voz dessas mulheres, isso é machismo.

Qual a importância de não se calar diante de ofensas machistas ou atitudes sexistas nas universidades?

É importante a gente não se calar frente a essas atitudes porque precisamos demonstrar que o sexismo está presente nos discursos que se dizem neutros, imparciais e mesmo os humorísticos. As pessoas acham que é exagero, agora até falam que é “perseguição ideológica”. Perseguição ideológica é promover um discurso que é o que fomenta a mentalidade de que as mulheres são menos humanas do que os homens. No Brasil uma mulher é estuprada a cada 12 minutos e a cada duas horas uma mulher é brutalmente assassinada – a maioria desses estupros e dessas agressões é perpetrada por homens conhecidos. As mulheres recebem cerca de 40% a menos do que os homens – e as mulheres negras chegam a receber 75% a menos do que homens brancos. Para mudar as estruturas assimétricas da sociedade precisamos falar sobre gênero e precisamos contestar o modelo atual de sujeito de direitos que, longe de ser universal, é masculino e branco.

Você já foi vítima desse tipo de agressão dentro da universidade? Poderia dizer como ocorreu?

Sim, muitas vezes. As pessoas são covardes e não têm coragem de falar na sua frente, de te contestar presencialmente, então muitas das agressões que eu sofro são pelo *facebook*. Sempre que eu publico sobre a necessidade de enfrentamento do machismo, do racismo, da homofobia e da transfobia vem uma chuva de comentários e ataques, que chegam a ser esdrúxulos. Eles alegam que a questão é pessoal, claro, mas é muito sintomático que essas pessoas me persigam, mas não tenham coragem de perseguir da mesma maneira homens brancos cisgêneros e heterossexuais, não?! Tornar os conflitos com mulheres em conflitos pessoais é estratégia de despolitização de um debate que precisa ser coletivizado para demonstrar que é parte de processos culturais de dominação que precisam ser alterados.

Você é militante do grupo Universidades Feministas e acredito que devam ocorrer muitos relatos de machismo. Poderia citar quais são os mais recorrentes?

Os mais recorrentes são de agressões verbais e de perseguição a mulheres. Procuramos manter um espaço seguro para denúncias sobre estupro, sobre agressões físicas, para

que mulheres dividam suas histórias e possamos nos fortalecer umas às outras. Eu integro também o Coletivo de Mulheres da UFRJ. Esses coletivos são organizados por mulheres, mas temos página no facebook aonde homens e mulheres podem participar, comentar, fazer sugestões e críticas. A página “**Acontece nas Universidades RJ**” serve pra isso e também pra divulgar grupos de estudo, palestras, seminários, eventos feministas. É importante não ficar só no facebook, quem quer participar das discussões sobre feminismo tem que ir aos eventos presenciais. E o contato com o feminismo não pode ser só na Universidade, estar junto dos movimentos sociais e construir esses movimentos dá experiência e é o maior dos aprendizados.

Muitos homens alegam que não são machistas, apenas fazem "brincadeiras" relacionadas à mulher. Como mudar esse tipo de mentalidade?

Denunciando, reclamando, não deixando passar batido de jeito nenhum. Precisamos combater a violência simbólica do discurso de humor, pois é a forma mais sutil pela qual se propaga a ideia de que as mulheres são menos capazes, menos inteligentes, menos hábeis, menos úteis. É esse discurso que faz com que haja essas diferenças que mencionei anteriormente de salário, é esse discurso que faz com que os homens achem normal passar a mão na bunda de uma mulher, assediá-la verbalmente ou “encoxar” uma mulher no metrô. “É só piada. É só um elogio”. Não, a morte de mulheres não tem graça, estupro não é engraçado e só quem pode me elogiar são pessoas que têm intimidade para fazer isso comigo. As mulheres não são pedaços de carne e nem estão em vitrines para exposição a bel-prazer masculino.

Você tem acompanhado o caso do professor Bernardo Santoro, do Direito? Poderia comentar o que acha desse tipo de situação?

Tenho acompanhado, sim. Esse é um exemplo clássico de como a violência simbólica estrutura a sociedade. Ele falou o que quis no facebook EM PÚBLICO. Quando recebeu uma nota de repúdio, ficou todo doído e agora se diz alvo de perseguição. Nós temos que ser responsáveis pelo que dizemos. Se uma pessoa promove um discurso que restringe o sujeito de Direito, que faz chacota das lutas feministas, que tipo de sociedade essa pessoa está promovendo? Antes de se colocar no papel de vítima, é preciso puxar para si a responsabilidade do que se faz. E é sempre assim. Tudo bem “encoxar” mulher no metrô, mas quando as mulheres andam com alfinete pra espetar os caras ou quando cantam “vou cortar, vou cortar”, as mulheres é que são vândalas.

Vivemos uma aparente paz social porque a política hegemônica é de invisibilizar as agressões pelas quais passam as mulheres, as pessoas negras, as pessoas trans e as pessoas não-heterossexuais. Não estamos em paz, mulheres são estupradas e morrem; pessoas negras são amarradas a postes, pessoas negras são enfiadas em cadeias, são desalojadas e perseguidas pelo poder público; travestis e transexuais são assassinadas, são excluídas dos espaços públicos, do mercado formal de trabalho; gays apanham com lâmpadas; lésbicas são alvo de estupro “corretivo”. O Bolsonaro vai para a televisão e fala que filho gay é falta de “porrada”, algumas semanas depois morre um garoto de oito anos espancado pelo próprio pai porque o garoto era afeminado. A guerra contra o feminino está travada e isso não pode ser motivo de piada, de deboche, de escárnio. Isso não pode ser reproduzido nas universidades, muito menos por professores, cujo trabalho é formar mentes e não deformá-las. O trabalho de um professor ou de uma professora é muito potente, aquelas pessoas tão ali te ouvindo ou te seguindo porque acreditam que você detém um conhecimento, então o que uma pessoa nessa posição fala ecoa muito. O caso do Bernardo Santoro foi só um exemplo recente, mas ele não é o único, isso

acontece o tempo todo e é preciso dar visibilidade a isso até que entendam que isso não pode acontecer. Machismo não pode ser tolerado!

Como lidar quando esses abusos partem de professores contra estudantes?

A sugestão que eu dou é que pessoas que sejam perseguidas procurem apoio de pessoas engajadas e de coletivos. Se forem mulheres, procurem coletivos feministas, mas não só dentro da universidade, procurem os coletivos que estão nas ruas da cidade de vocês e se fortaleçam contra esses ataques, porque isso vai acontecer o tempo todo e é preciso que estejamos unidas para ter mais ânimo de combater. Não é normal que haja abusos, isso tem que parar. Eu incentivo a procurar primeiro apoio de pessoas e de coletivos feministas e só depois acionar a Instituição de ensino, porque não existe imparcialidade e o machismo também está nas estruturas das universidades, de forma que alunas ou alunos sozinhos podem ser silenciados. Procure apoio e denuncie!